



3. Estabilidade fonética dos lexemas nos crioulos indo-portugueses de Korlai e Damão

Fábio Barcellos Granja

ORCID: 0000-0003-0233-2298

Carlos Rogério Sousa e Silva

ORCID: 0000-0002-8052-4271

A distinção entre léxico herdado e emprestado é um problema clássico na classificação de línguas (Campbell 1998). Este problema acentua-se na classificação dos crioulos uma vez que estas línguas importam uma grande quantidade de léxico (Wichmann & Holman 2009). Neste estudo, procuramos compreender que domínios semânticos são mais estáveis na transferência fonético-lexical do português para dois crioulos indo-portugueses. A nossa análise tem por base um corpus de 684 cognatos alinhados e foneticamente transcritos em português do século XVI e nos crioulos de Korlai e de Damão (Clements 2011), que foram sujeitos a um algoritmo de distância fonética no software Cog (Daspit 2015). Os resultados mostram que o crioulo de Korlai é geralmente menos estável do que o de Damão, o que se pode explicar pela duração da presença portuguesa nestas localizações (Smith 2012, Cardoso 2012). Contudo, existe uma correlação positiva entre a estabilidade fonética dos lexemas nos domínios semânticos das duas línguas, por exemplo, os itens de parentesco e numerais são mais estáveis do que os de partes do corpo em ambas as línguas.

Palavras-chave: crioulos de base portuguesa, léxico-estatística, estabilidade linguística

1. Introdução

"Serão os crioulos distintos das outras línguas naturais?" é uma das principais questões debatidas no seio da crioulística (Bickerton 1984). Alguns autores defendem que estes constituem um conjunto tipologicamente diferente das outras línguas naturais, ou seja, que os crioulos, independentemente da sua origem, partilham traços comuns (McWhorter 2001, Bakker *et al.* 2011). Outros autores defendem que os crioulos fazem parte da família linguística das línguas que serviram como sua base lexical e não diferem das demais línguas naturais (Chaudenson 1992). Esta hipótese é sustentada pela ideia de que o empréstimo linguístico é comum nas línguas do mundo e, para além disso, muitas delas passaram por um elevado grau de restruturação nalgum ponto da sua história, incluindo as línguas românicas e o inglês (Mufwene 2001).

Neste estudo, avaliamos esta questão do ponto de vista da diacronia, a partir da observação da estabilidade fonética na transmissão lexical da língua lexicalizadora para dois crioulos de base portuguesa falados no Norte da Índia – em Korlai e Damão. Esta transmissão será posteriormente contrastada com a mudança lexical atestada na passagem do latim para as línguas românicas.

Os crioulos de Korlai e Damão foram amplamente estudados durante a recolha de campo feita por J. Clancy Clements, que compilou uma lista de vocabulário anotado semanticamente que contrasta itens lexicais destes crioulos e do português do século XVI (Clements 2011). Com base nesta lista, colocamos as seguintes questões:

- 1 Que domínios léxico-semânticos são foneticamente mais estáveis na transferência da língua lexicalizadora (português) para cada um dos crioulos?
- 2 Existe alguma correlação no ranking de estabilidade desses domínios léxico-semânticos entre estas línguas?

Entendemos o termo estabilidade como ausência de mudança (Nichols 1995). Por outras palavras, um determinado item lexical ou domínio semântico num crioulo será considerado mais estável quando se aproxima

mais do português e, inversamente, menos estável quando se distancia mais da língua lexicalizadora.

Os crioulos são muitas vezes excluídos deste tipo de análise diacrónica por apresentarem elevado grau de restruturação, marcado pela elevada quantidade de empréstimos (Greenhill *et al.* 2017). Este aspeto agrava o problema constante da distinção entre léxico de herança e léxico emprestado na genealogia das línguas (Greenhill *et al.* 2009). No entanto, podemos reconhecer que existe um conjunto de vocabulário básico normalmente selecionado na adaptação de uma língua a instâncias de *foreign-talk* (Siegel 2008) e que é menos permeável à mudança na história das línguas (Donohue *et al.* 2011). Assim, para além de selecionarmos itens deste conjunto sempre que possível, a divisão das palavras avaliadas em domínios semânticos distintos mitiga a influência desta condicionante do ponto de vista estatístico.

A avaliação da estabilidade fonética na avaliação de distância entre línguas distingue-se da avaliação puramente fonológica de Silva (2023) em dois aspectos fundamentais: primeiramente, por comparar dois lexemas como um todo e não representações individuais dos fonemas e, em segundo lugar, por estabelecer a ligação com um determinado domínio semântico, o que permite outro tipo de agrupamentos na análise estatística e uma maior aproximação ao método comparativo clássico (Weiss 2015).

1.1. Contexto socio-histórico do crioulo de Korlai

O crioulo de Korlai é uma língua de contacto indo-portuguesa falada pelos habitantes da aldeia de mesmo nome, que fica a cerca de 150 km a sul de Mumbai (Clements 2013). O caminho marítimo para a Índia foi empreendido pela primeira vez por Vasco da Gama, que aportou em Calicute em 1498 (Boxer 1969). Nos primeiros anos do século XVI, os portugueses estabeleceram fortes ao longo da costa ocidental india à medida que iam prosseguindo para Norte. Uma destas estruturas foi construída na margem do rio Kundalika oposta a Chaul, onde os portugueses tinham estabelecido um entreposto comercial em 1524. A aldeia de Korlai localiza-se nas proximidades deste forte (Clements & Koontz-Garboden 2002).

Ao longo do tempo e com cidades maiores e mais consolidadas como Goa, Damão e Diu a ganharem cada vez mais relevância na esfera sócio-económica das colónias portuguesas (Boxer 1969), Korlai foi gradualmente abandonada

pelos seus colonos, que acabaram por ser expulsos da aldeia pelos Hindus Marathas em 1740 (Clements & Koontz-Garboden 2002). Desde então, Korlai passou a estar sob a alcada do Estado da Índia.

Embora reduzida, a influência portuguesa em Korlai durante mais de dois séculos foi, de facto, um fator linguístico relevante que contribuiu para a formação de um crioulo local de base portuguesa, com o marathi a funcionar simultaneamente como substrato e adstrato. De acordo com Clements e Garboden (2002), o português não era a língua-alvo, mas sim uma forma de *foreign-talk* de português, isto é, uma forma da língua reduzida e fortemente influenciada por empréstimos lexicais (Clements 1992).

Depois da tomada de Korlai pelos maratas no século XVIII, o marathi tornou-se a língua oficial da administração. Além disso, a presença decrescente de colonos e padres portugueses na aldeia teve um grave impacto na manutenção da língua. No entanto, o crioulo português de Korlai sobreviveu ao longo dos séculos e é atualmente falado por cerca de 800 pessoas (Clements 2013).

Clements e Garboden (2002) discutem se o crioulo de Korlai terá estado na origem do crioulo indo-português de Damão, mas, a partir de comparações entre os dois crioulos, rejeitam esta hipótese e defendem bases de formação independentes.

1.2. Contexto socio-histórico do crioulo de Damão

O crioulo de Damão é atualmente falado por cerca de 4.000 pessoas na cidade de Damão e seus arredores, que, juntamente com Diu e Goa, foi uma das três colónias portuguesas mais duradouras na Índia, só tendo sido incorporada a este país em 1961. Foi alcançada pelos portugueses quase duas décadas depois de Korlai. Damão não foi imediatamente colonizada, tendo sido ocupada pelos portugueses em 1559 (Clements 2013).

Uma diferença fundamental entre Korlai e Damão, que afetou a formação dos seus respectivos crioulos, é o facto de a influência portuguesa ter sido muito mais generalizada e duradoura em Damão. Como Clements e Garboden (2002) destacam, mesmo depois de ter sido reocupada pela Índia em 1961, o português ainda era ensinado nas escolas e utilizado como língua de culto em muitas igrejas católicas.

Tal como no caso do crioulo de Korlai, o de Damão também tinha como língua-alvo uma instância de *foreign-talk* do português (Clements 1992). No entanto, não teve como língua de substrato o marathi, mas o gujarati. Não deve deixar de ser dito que, devido à longevidade da influência portuguesa em Damão, o gujarati desempenhou um papel menos importante no crioulo de Damão do que o marathi no crioulo de Korlai, por exemplo ao nível da sintaxe (Smith 2012, Cardoso 2012).

1.3. Estabilidade fonética no léxico das línguas românicas

O presente estudo parte de trabalhos anteriores no domínio da estabilidade lexical, mais especificamente nas línguas românicas, nomeadamente de Dworkin (2016) e Bassetto (2016). Estes autores analisam a estabilidade da mudança do latim para as línguas românicas em termos de léxico, com base em cinco domínios semânticos comuns que foram posteriormente comparados com os domínios equivalentes nos crioulos de Korlai e Damão e no português do século XVI (Tabela 1).

Tabela 1. Classificação da estabilidade dos domínios léxico-semânticos na transferência lexical do latim para as línguas românicas.

Classificação da estabilidade	Domínios léxico-semânticos	
	Dworkin (2016)	Bassetto (2016)
1	numerais	números cardinais
2		animais selvagens e domésticos
3		partes do corpo
4	itens de calendário	meses e dias da semana
5	terminologia de parentesco	designações de parentesco

Dworkin e Bassetto concordam que alguns domínios léxico-semânticos foram mais estáveis do que outros quando transmitidos do latim para as línguas românicas. No entanto, esta hipótese carece de apoio quantitativo, uma vez que se baseia numa análise puramente qualitativa.

2. Metodologia

Neste estudo, começámos por medir a estabilidade fonética dos itens lexicais de cada uma das cinco domínios léxico-semânticos acima mencionados em cada um dos seguintes pares de línguas. Este procedimento é efetuado por meio da aplicação de métodos lexicoestatísticos (Starostin 2016), nomeadamente a medição das distâncias fonéticas entre os itens lexicais de cada domínio em três conjuntos (Daspit 2015):

- 3 Latim vs. Português do século XVI
- 4 Português do século XVI vs. Crioulo de Korlai
- 5 Português do século XVI vs. Crioulo de Damão

Partimos do pressuposto de que os crioulos de base portuguesa (como os de Damão e Korlai), embora tenham passado por um elevado grau de restruturação, são línguas naturais. Podemos comparar a sua génesis à das línguas românicas em relação ao latim (DeGraff 2001), na medida em que são línguas que emergem de processos de aquisição de uma segunda língua em ambiente naturalista, ou seja, não-formal (Mufwene 2010). Desta maneira, considerando estas relações à partida análogas entre crioulos de base portuguesa e línguas românicas de um lado e o português do século XVI e o latim do outro, buscamos estender as análises de Dworkin (2016) e Bassetto (2016) da linguística românica aos crioulos de base portuguesa.

Para efetivar esta extensão, usamos a lexicoestatística. Esta metodologia é normalmente utilizada para gerar árvores genealógicas com base em listas de palavras. Ao aplicar este processo com base na comparação fonética superficial de palavras que pertencem a línguas diferentes (Starostin 2016), podemos traçar melhor as relações entre línguas que partilham uma história comum. No entanto, neste estudo, também a utilizamos para testar a precisão e a representatividade de cada domínio léxico-semântico em situações específicas de transferência linguística.

2.1. Recolha de dados

Os dados relativos aos crioulos de Damão e de Korlai e português do século XVI foram extraídos do rascunho não publicado “Word List with English, Portuguese, Korlai Indo-Portuguese and Daman Indo-Portuguese”,

generosamente disponibilizado por J. Clancy Clements. Este rascunho comporta dados primários que advêm do seu trabalho de campo. Esta lista contém 684 palavras foneticamente transcritas e os seus respetivos cognatos em português do século XVI. Como não temos acesso exatamente à forma de *foreigner-talk* presente nos primeiros contactos entre as comunidades linguísticas, selecionamos o português do século XVI, pois, esta seria presumivelmente a forma de língua documentada mais próxima àquela com que os primeiros falantes dos crioulos teriam acedido. Clements atribuiu a todas as palavras um domínio léxico-semântico. A lista completa inclui 16 domínios diferentes com a seguinte distribuição (Figura 1):

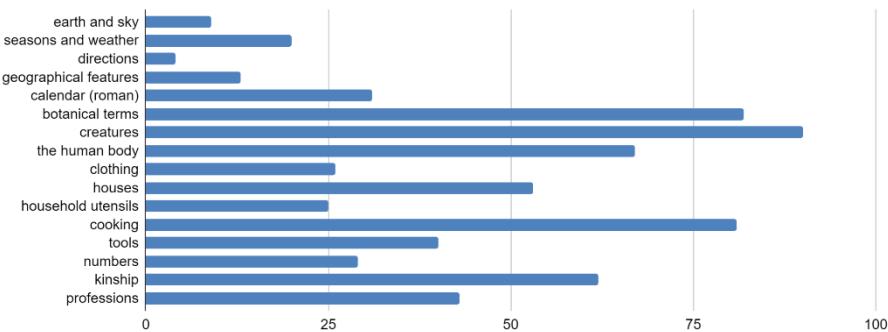


Figura 1. Número de palavras por domínio léxico-semântico em Korlai e Damão.

A lista foi manualmente processada por nós, no sentido de proceder à normalização dos carateres fonéticos no caso dos crioulos e à conversão grafema-para-fonema no português do século XVI., com base em Paiva (2009) e Silva (1994). É também importante referir que o sistema vocálico do português do século XVI é objeto de controvérsia (Silva 1994) e que as transcrições apresentadas não pretendem ser isentas de falhas. Nesse sentido, assumimos, com base em Silva (1994):

- 6 a realização alta [i] do <e> final (e.g. <sempre> → sempr[i]);
- 7 a realização predominantemente aberta do /a/ átono (e.g. <padeiro> → p[a]deiro);
- 8 a não palatalização do <s> em coda (e.g. <costas> → co[s]ta[s]), posto que esta foi consolidada apenas no século XVIII.

Por fim, seguindo o trabalho de Dworkin (2016) sobre a estabilidade lexical romântica, acrescentámos também uma quarta lista de palavras constituída por formas latinas (Rezende & Bianchet 2014) correspondentes aos cognatos da lista original de Clements (2011). Estas foram comparadas às palavras do português do século XVI, utilizando o mesmo algoritmo de distância lexical. No caso do latim, os dados lexicais foram recolhidos do dicionário de Rezende & Bianchet (2014), e para a transcrição fonética seguiu-se as convenções da pronúncia clássica (Allen 1965), convertendo-se, por exemplo, o grafema <v> para o fonema /w/, o <c> precedendo <i> para /k/, e assim por diante.

2.2. Tratamento dos dados

O primeiro passo do tratamento dos dados foi a conversão da lista de palavras original de um ficheiro .doc para um formato interoperável .csv. Este processamento automático resultou numa cópia imperfeita da lista, pelo que, posteriormente, se procedeu a uma revisão e correção manual dela. Após o processamento manual, foi efetuada uma série de substituições automáticas, de modo a que os valores dos fonemas na tabela ficassem alinhados com o Alfabeto Fonético Internacional (AFI, 2021), usando caracteres Unicode UTF-8. Posteriormente, o conjunto de dados foi dividido em 16 subconjuntos, cada um contendo um domínio léxico-semântico diferente, como ilustrado na Tabela 2. Por fim, cada conjunto foi analisado em separado.

Tabela 2. Exemplo da tabela .csv com as listas Swadesh em cada língua analisada.

Gloss	Class	Portuguese	Korlai	Daman
foot	body part	'pe	pe	pe
leg	body part	'pərnmə	pe	pe
knee	body part	ʒu'əlyu	dʰopa	indʒwel
hand	body part	'mẽʃ	măw	măw
wing	body part	'aze	adz	az
belly	body part	bə'rige	bʱarig	barig
guts	body part	'tripəs	tr̩ip	trip

De forma a possibilitar a comparação com o português e as línguas românicas, selecionamos os 5 dos 16 domínios léxico-semânticos de Clements (2011) que

correspondiam aos mencionados por Dworkin (2016) e Bassetto (2016), como se vê na Tabela 1.

2.3. Cálculos

Após o tratamento dos dados, as cinco tabelas contendo listas de palavras sob os eixos língua–domínio semântico foram submetidas a uma análise de proximidade fonética no software Cog, que compara formas de diferentes línguas e gera valores de semelhança entre elas a partir do método de Blair (Daspit 2015). Este método de comparação é sensível aos traços distintivos, atribuindo um valor de 1 a 3 a cada par de fonemas contrastados. Por norma, um valor de 1 indica a partilha do ponto e do modo de articulação, 2 reflete uma correspondência ou no ponto ou no modo de articulação, e 3 é atribuído quando existem diferenças em ambos ou a supressão de segmentos. Utilizando estes valores, é calculada uma percentagem de semelhança para cada par de itens lexicais de duas línguas. Ao calcular a média das pontuações de semelhança para todas as palavras em duas listas de palavras comparadas, o algoritmo gera valores de proximidade fonética para as duas línguas. No nosso caso, estas línguas eram ou um dos crioulos comparado com o português ou este último comparado com o latim.

Uma vez que o conjunto de dados foi separado em domínios léxico-semânticos, os resultados da distância dizem respeito à semelhança de cada um desses domínios, entre cada par de línguas.

De seguida, os valores de estabilidade de cada domínio léxico-semântico foram ordenados para obter a ordem de estabilidade de cada língua (português do século XVI, Korlai e Damão). Por fim, com os valores ordinários pudemos quantificar as correlações entre as línguas através de testes de Spearman (Daniel 1990):

$$\rho = 1 - \frac{6 \sum_{i=1}^n d^2}{n(n^2 - 1)}$$

Os testes de Spearman permitiram-nos quantificar este valor de correlação (ρ) de -1 a +1, correspondendo -1 à correlação negativa perfeita, 0 à ausência de correlação e +1 à correlação positiva perfeita. Para isso, seguimos a fórmula acima, em que d corresponde à diferença entre dois valores de classificação

(por exemplo, 5 - 3) de duas variedades comparadas e n ao número de observações (no nosso caso, os cinco domínios semânticos).

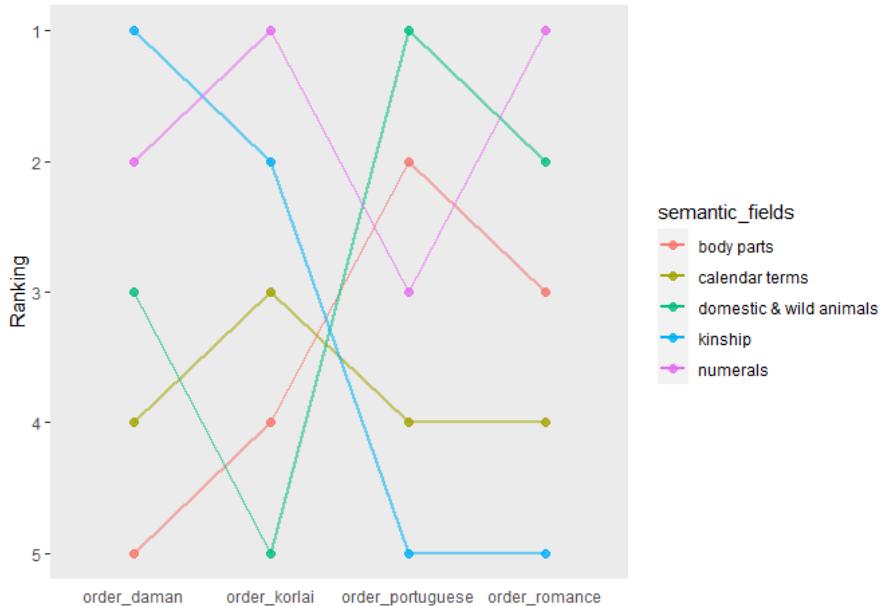
3. Resultados e discussão

Globalmente, os nossos resultados apontam uma maior estabilidade na transmissão lexical do português para o crioulo de Damão (65,49%) do que para o de Korlai (57,70%), tal como sugerido anteriormente por Clements e Garboden (2002). Estando o de Korlai sujeito à influência duradoura do substrato e o de Damão sendo falado numa região que esteve sob controlo português até 1961 (Clements 2013), este é um resultado esperado.

A novidade do presente estudo está nos valores dos diferentes domínios léxico-semânticos individualmente. Por outras palavras, conseguimos distinguir que domínios foram mais estáveis e que domínios foram mais permeáveis a empréstimos das línguas de substrato/adstrato ou a outros tipos de mudança histórica.

Na Figura 2, visualizamos as classificações de cada domínio léxico-semântico nas línguas da nossa amostra. Cada cor corresponde a um domínio. A classificação 1 corresponde ao domínio mais estável, ou seja, o que apresenta menos alterações na transmissão da língua lexicalizadora para a língua de contacto, e a classificação 5 corresponde ao domínio menos estável, ou seja, o que apresenta mais alterações na transmissão. As linhas correspondem a alterações na classificação entre línguas. Os rankings do Damão, do Korlai e do português são adaptados a partir dos resultados quantitativos obtidos através da análise da proximidade fonética. O ranking das línguas românicas foi atribuído, não de acordo com valores quantitativos, mas conforme classificação de base qualitativa proposta por Dworkin (2016).

Figura 2. Correlação entre a ordem de estabilidade dos crioulos Korlai e Damão, do português e de outras línguas românicas.



Em primeiro lugar, os resultados mostram que a ordem de estabilidade dos 5 domínios léxico-semânticos analisados em Korlai e Damão é muito diferente da das línguas românicas. Em Korlai, a ordem de estabilidade decrescente é: *Numerais → Termos de Parentesco → Itens de Calendário → Partes do Corpo → Animais Domésticos e Selvagens*. Enquanto que em Damão a ordem decrescente é: *Termos de Parentesco → Numerais → Animais Domésticos e Selvagens → Itens de Calendário → Partes do Corpo*.

Em termos de ordens de estabilidade, não encontrámos qualquer correlação significativa entre o Korlai e o Damão e as línguas românicas ($\rho = 0$ e $\rho = -0.1$, respetivamente). Este resultado sugere que estes crioulos indo-portugueses não seguem as mesmas tendências de mudança lexical que as línguas românicas. Ao mesmo tempo, parece haver uma correlação positiva ($\rho = 0.6$) entre o Korlai e o Damão, no sentido em que estas línguas seguem padrões de mudança semelhantes. Por último, existe uma correlação negativa

entre o crioulo de Korlai e o português ($\rho = -0.7$) e entre o de Damão e o português ($\rho = -0.5$). Estas línguas parecem, portanto, seguir o caminho inverso que o português seguiu em termos de estabilidade fonética nos lexemas. Por outras palavras, as classes mais estáveis em Damão e Korlai, quando comparadas com o português do século XVI, são geralmente as menos estáveis nesta língua quando comparada com o latim. Estes resultados não comprovam que os crioulos são línguas distintas das outras línguas naturais, mas antes sugerem que a restruturação linguística é condicionada pelo ecossistema em que se dá o contacto (Mufwene 2001).

Devemos reconhecer que estas conclusões não são extrapoláveis para outros crioulos ou domínios semânticos. Em estudos futuros pretendemos alargar as comparações entre a estabilidade fonética nos lexemas dos dois crioulos analisados e nas línguas românicas a outros domínios que também foram estudados por Clements (2011), como Termos Botânicos, Utensílios Domésticos, Ferramentas, entre outras.

Com este estudo preliminar, concluímos que os percursos de mudança seguidos por estes dois crioulos de base portuguesa se distinguem daqueles que estiveram presentes na emergência das línguas românicas. No entanto, não é ainda claro que isto se deva à excepcionalidade dos crioulos no panorama das línguas naturais (Bakker *et al.* 2011), podendo ser antes um resultado das especificidades dos contextos socio-históricos ou geográficos que levaram ao nascimento destas línguas (Mufwene 2001).

Bibliografia

- Allen, William 1965. *Vox Latina: A guide to the pronunciation of classical Latin*. Cambridge University Press.
- Bakker, Peter – Aymeric Daval-Markussen – Mikael Parkvall – Ingo Plag 2011. Creoles are typologically distinct from non-creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 26 (1): 5–42. <https://doi.org/10.1075/jpcl.26.1.02bak>
- Bassetto, Bruno Fregni 2016. *Elementos de Filologia Românica – Volume 2: História Interna das Línguas Românicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Bickerton, Derek 1984. The language bioprogram hypothesis. *Behavioral and Brain Sciences* 7 (2): 173–188. <https://doi.org/10.1017/s0140525x00044149>
- Boxer, Charles R. 1969. *O Império Colonial Português (1415–1825)*. Lisboa: Edições 70.
- Campbell, Lyle 1998. *Historical Linguistics: An Introduction*. Cambridge: MIT Press.
- Cardoso, Hugo 2012. Luso-Asian comparatives in comparison. *Ibero-Asian Creoles: Comparative Perspectives*, eds. Cardoso, Hugo – Alan Baxter – Mário Pinharanda-Nunes. Amsterdam: John Benjamins. 81–124. <https://doi.org/10.1075/cl.46>

- Chaudenson, Robert 1992. *Des îles, des hommes, des langues: langues créoles, cultures créoles*. Paris: Editions L'Harmattan.
- Clements, Joseph Clancy 1992. Foreigner talk and the origins of Pidgin Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 7 (1): 75–92.
- Clements, Joseph Clancy 2011. *Word List with English, Portuguese, Korlai Indo-Portuguese and Daman Indo-Portuguese*. Draft, used with author's permission.
- Clements, Joseph Clancy 2013. Korlai. *The survey of pidgin and creole languages. Volume 2: Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*, eds. Michaelis, Susanne Maria – Philippe Maurer – Martin Haspelmath. Oxford: Oxford University Press. <https://apics-online.info/surveys/40>.
- Clements, Joseph Clancy – Andrew Koontz-Garboden 2002. Two Indo-Portuguese creoles in contrast. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 17: 191–236.
<https://doi.org/10.1075/jpcl.17.2.03cle>
- Daniel, Wayne 1990. Spearman Rank Correlation Coefficient. *Applied Nonparametric Statistics*, ed. Daniel, Wayne. Boston, MA: PWS-Kent. 358–365. 2nd edition.
- Daspit, Damian 2015. Cog software. <https://software.sil.org/cog/>
- Dworkin, Steven 2016. Lexical stability and shared lexicon. *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press. 577–587.
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199677108.003.0032>
- Eberhard, David M. – Gary F. Simons – Charles D. Fennig eds. 2023. *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas: SIL International. <http://www.ethnologue.com>. Consultado a 14 de junho de 2025.
- DeGraff, Michel 2001. Morphology in creole genesis: linguistics and ideology, *Ken Hale: A Life in Language*, ed. Michael Kenstowicz. Cambridge: MIT Press. 53–122.
- Donohue, Mark – Simon Musgrave – Bronwen Whiting – Søren Wichmann. 2011. Typological feature analysis models linguistic geography. *Language* 87: 369–383.
<https://doi.org/10.1353/lan.2011.0033>
- Greenhill, Simon J. – Thomas E. Currie – Russell D. Gray 2009. Does horizontal transmission invalidate cultural phylogenies? *Proceedings of the Royal Society B* 276 (1665): 2299–2306. <https://doi.org/10.1098/rspb.2008.1944>
- McWhorter, John 2001. The worlds simplest grammars are creole grammars. *Linguistic Typology* 5 (2–3): 125–166. <https://doi.org/10.1515/lity.2001.001>
- Mufwene, Salikoko 2001. *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612862>
- Mufwene, Salikoko 2010. SLA and the emergence of creoles. *Studies in Second Language Acquisition* 32 (3): 359–400. <https://doi.org/10.1017/S027226311000001X>
- Nichols, Johanna. 1995. Diachronically stable structural features. *Selected Papers from the 11th International Conference on Historical Linguistics*, Los Angeles, 16–20 August 1993, ed. Andersen, Henning. Amsterdam: John Benjamins. 337–355.
- Paiva, Maria H. 2009. Variação e mudança no vocalismo átono quinhentista: práticas escriturais e juízos normativos. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 4: 191–236.
- Rezende, Antônio M. – Sandra B. Bianchet 2014. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Siegel, Jeff 2008. *The emergence of pidgin and creole languages*. Oxford: Oxford University Press.

88 — Fábio Barcellos Granja & Carlos Rogério Sousa e Silva
Estabilidade fonética dos lexemas nos crioulos indo-portugueses de Korlai e Damão

- Silva, Rosa V. M. 1994. *Português arcaico: Fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto.
- Silva, Carlos 2023. *Consonant stability of Portuguese-based creoles*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
<https://hdl.handle.net/10216/157550>
- Smith, Ian 2012. Measuring substrate influence: Word order features in Ibero-Asian Creoles. *Ibero-Asian Creoles: Comparative Perspectives*, eds. Cardoso, Hugo C. – Alan N. Baxter – Mário Pinharanda-Nunes. Amsterdam: John Benjamins. 125–148.
<https://doi.org/10.1075/cll.46>
- Starostin, George 2016. From wordlists to proto-wordlists: reconstruction as optimal selection. *Faits de Langues* 47: 177–200.
- Weiss, Michael 2015. The comparative method. *The Routledge Handbook of Historical Linguistics*, eds. Bowern, Claire – Bethwyn Evans. London: Routledge. 127–145.
<https://doi.org/10.4324/9781315794013.ch4>
- Wichmann, Søren – Eric Holman 2009. *Temporal Stability of Linguistic Typological Features*. Munich: Lincom Europa.